

Procedimentos para a análise da cerâmica arqueológica

*Ana Nascimento, Suely Luna**

RESUMO: A primeira parte do trabalho trata amplamente dos critérios utilizados para classificar a cerâmica pré-histórica no Brasil, mostrando as diversas fases do pensamento que nortearam a pesquisa arqueológica. Na segunda é apresentada uma proposta de como proceder a análise da cerâmica, de modo a não tomá-la apenas como o único elemento caracterizador étnico. Procura-se demonstrar as suas relações com outros elementos para se obter o maior número de dados possíveis que auxiliem na interpretação, assim a análise intra-sítio e extra-sítio é primordial para se conseguir a reconstituição arqueológica.

Palavras-chave: análise cerâmica, classificação cerâmica, pré-história Brasileira

ABSTRACT: The first part in this job regards Widely the criteria used to classify the pre-historical ceramics in Brazil, showing the several phases of the thinking that guided the archeological research. In the second phase is presented a proposal in how to proceed the analysis of the ceramics, in such a way that it will not be the only ethnic characterizer element. Tries to demonstrate its relations to other elements to obtain the largest possible amount of data to aid in the interpretation, Therefore the in-site and extra-site analysis is primordial to obtain the archeological reconstitution.

Keywords: ceramics analysis, ceramics classification, pre-historical Brazilian.

As primeiras classificações da cerâmica pré-histórica no Brasil foram realizadas num período que pode ser limitado entre o século passado e a primeira metade do século XX. Como fruto de

* Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco

Estudos sem critérios científicos e baseados sobretudo em informações etnográficas e etnohistóricas, observaram-se duas classes distintas de cerâmica pré-histórica no País. De um lado uma cerâmica altamente "sofisticada", "bem elaborada", com formas complexas (expressões utilizadas na época) na região da Bacia Amazônica e de outro, para as restantes regiões do País, uma cerâmica definida como "mal acabada", "rude" ou "grotesca" com formas simples. Será sobretudo a partir da década de sessenta que esse quadro alterar-se-á. Com metodologia e parâmetros definidos foi iniciado, em todo País, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que se voltou principalmente ao estudo dos grupos ceramistas. Para classificar a cerâmica foram estabelecidos parâmetros que identificavam os tipos, fases e tradições ceramistas a partir dos dados arqueológicos, utilizando-se também correlações etnohistóricas e etnolinguísticas. Essa classificação tomou como elementos principais o tipo de antiplástico, a decoração e as formas dos vasilhames. E principalmente o antiplástico e a decoração foram utilizados para estabelecer as cronologias das fases e tradições ceramistas, através de seriações baseadas no método proposto por Ford (1962). Ficando definidas quatro tradições ceramistas na Bacia Amazônica com distribuição espaço-temporal: Policroma, Hachurada-Zonada, Borda Incisa e Incisa Ponteadas e, na Faixa Costeira, a tradição Tupiguarani além de outras tradições regionais consideradas menores.

Com o encerramento do PRONAPA (1965-1970), começou a se questionar o quadro estabelecido. As principais críticas, entretanto, se relacionavam com aspectos teórico-metodológicos, algumas delas, inclusive, feitas por participantes do Programa. Entre essas críticas pode-se citar a imprecisão de conceitos como "fase", "tradições ceramistas" ou "tradições culturais", assim como aos aspectos técnico-metodológicos na obtenção de informações nos trabalhos de campo.

De um lado existem pesquisadores que continuam utilizando o modelo e os critérios definidos no PRONAPA e outros que, embora utilizem os princípios do quadro estabelecido por aquele Programa, sugerem uma revisão das classificações através do refinamento dos critérios adotados baseando-se, principalmente, em aspectos técnico-funcionais dos vasilhames cerâmicos, os quais estariam alicerçados em informações etnohistóricas, etnográficas e no modelo de expansão dos grupos étnicos baseados em dados lingüísticos. Outros pesquisadores utilizam as classes definidas pelo PRONAPA por falta de melhores definições ou nomenclaturas para classificar a cerâmica, mas, se por um lado proclamam a necessidade de parâmetros mais contundentes para o estabelecimento das fases e tradições, a partir de estudos mais complexos do interrelacionamento tecnológico com outras variáveis culturais, por outro não definem explicitamente quais seriam esses parâmetros, e introduzem em seus trabalhos pequenas modificações sem contudo constituírem-se em proposta completa. Finalmente, outra categoria de pesquisadores se opõem a esses critérios de classificação e nos seus estudos sobre cerâmica preferem optar pela pura e simples descrição técnica sem nenhuma classificação, sem definir quais seriam os parâmetros essenciais e necessários para se estabelecer as relações entre as cerâmicas e os distintos grupos étnicos.

Se por um lado foram apontadas essas críticas e apresentados, em raros casos, alguns elementos básicos para se fazer as distinções entre as fases e as tradições ceramistas, esses princípios deveriam ser definidos de maneira mais clara tais como a forma, a decoração e as relações obtidas do cruzamento dos vários atributos técnicos como **forma e função ou forma/função**.

Diante da crítica começam a surgir novas propostas onde a perspectiva principal é integrar a cerâmica em um contexto mais

amplo, estabelecendo os seus limites interpretativos, incluindo não apenas as formas de obtenção dos dados em campo, a definição dos parâmetros e conceitos mas, também e principalmente, a metodologia de análise dos dados para reconstituir as características técnicas e, naturalmente, culturais de um grupo étnico. Nessa nova perspectiva a cerâmica passa a ser utilizada como mais uma variante importante para as distinções étnicas, quando procura-se enquadrá-la nas manifestações culturais, como um elemento a mais. Para que esse processo se desenvolva, as diferenças técnicas deverão ser utilizadas para se traçar perfis técnicos cerâmicos de sítios e posteriormente perfis cerâmicos de grupos étnicos. Esses perfis serão identificados a partir de elementos considerados relevantes como caracterizadores de um processo interrelacionado do homem com o meio.

Assim, para se estabelecer classificações no estudo da cerâmica pré-histórica, os elementos técnico-morfológico-funcionais serão pesquisados em cada sítio e a partir dos quais serão levantadas questões desse interrelacionamento. Posteriormente poderão ser testados os elementos indicadores do perfil técnico cerâmico de um grupo étnico. Dessa forma com a reconstituição dos outros perfis técnicos formando o subsistema tecnológico e a reconstituição dos outros subsistemas culturais, estabelecer-se-á as distinções.

Portanto, considera-se que a classificação da cerâmica pré-histórica no Brasil deverá ser redimensionada partindo-se de parâmetros bem definidos. Essa definição deverá surgir dos resultados das pesquisas arqueológicas e posteriormente relacionando-as com os dados etnohistóricos e ou etnolinguísticos. Partiremos assim do fato arqueológico em primeiro lugar, acrescentando os dados que a etnohistória e a etnolinguística nos fornecem e não ao contrário.

A caracterização do sistema cultural, abarcando todos os momentos de atividades dos setores componentes da sociedade, não podem ser apreendidos imediatamente. Precisamos, inicialmente, verificar quais as relações e seus pontos de interdependência, pois os seus componentes formam um imbricado de relações que são co-orientadas umas pelas outras.

Os objetos resgatados nos sítios arqueológicos, possibilitam-nos o estudo das formas de aquisição que a sociedade desenvolvia para conseguir os recursos básicos a sua subsistência. Cada tipo de atividade de aquisição requer um instrumental mínimo para sua realização, e em alguns casos possuem formas específicas que os relaciona com a atividade desenvolvida. O meio ambiente como parte do contexto arqueológico, não pode ser isolado, ele oferece à sociedade várias fontes de materiais, que podem ou não serem utilizados, isto vai depender dos meios técnicos de que a sociedade dispõe, do seu domínio sobre eles e, principalmente, das necessidades da sociedade em relação a esses bens disponíveis.. O estudo dos vestígios cerâmicos poderá ser orientado sob várias perspectivas, dependendo do problema inicial do pesquisador, em nosso caso, pretendemos inicialmente estabelecer o perfil técnico da cerâmica que faz parte do subsistema tecnológico de um grupo étnico.

A cerâmica é um indicador importante para o estudo de uma sociedade pré-histórica, mas adquire seu total valor no momento em que é relacionada a outros componentes que fazem parte da vida desses grupos. Porém, a nível deste trabalho iremos considerá-la como uma unidade analítica, procurando o máximo possível analisar as disposições de seus componentes, de forma a estabelecer as características técnicas da cerâmica do sítio. O conjunto dos resultados obtidos desta análise permitirá, em uma fase subsequente, estabelecer relações com outras características da prática técnica do grupo e contribuir para caracterizá-lo como uma unidade cultural.

Para que possamos compreender a prática cerâmica na sua totalidade, é necessário primeiro identificar as técnicas utilizadas pelos homens no momento da elaboração desses objetos. Nesse estudo, deveremos levar em consideração a sequência e a forma de aplicação das técnicas, de maneira a podermos resgatar a prática do antigos ceramistas. Essa prática irá constituir os modos de preparação dos objetos e, conseqüentemente, como estes comporão as características gerais da cerâmica, segundo determinadas regras no processo de sua produção.

As etapas básicas para a produção de um objeto cerâmico, como a de qualquer outro, inclui a aquisição de matéria-prima, seu tratamento inicial, a produção do objeto e as suas formas de distribuição e consumo, podendo ainda integrar essa sequência o uso, o desuso, o desgaste, sua quebra e a reciclagem. Cada uma dessas etapas implicam em uma série de operações próprias que podem ser analisadas de maneira a identificar suas formas de organização. Esta análise poderá contribuir para a reconstituição dos padrões técnicos e comportamentais dos ceramistas, dos quais apenas possuímos, como indicador, a própria cerâmica.

Nos procedimentos utilizados para a análise dos vestígios cerâmicos devem ser considerados três momentos analíticos:

- 1 - será realizada a análise dos vestígios cerâmicos de acordo com a sua localização no sítio arqueológico já identificado em campo;
- 2 - estabeleceremos as comparações dos resultados da análise dos vestígios cerâmicos entre as áreas identificadas no sítio;
- 3 - e, por último, serão estabelecidas as características dos vestígios cerâmicos que fornecem os elementos que formam o perfil técnico cerâmico de um sítio.

A análise do material cerâmico será desenvolvida de forma a permitir-nos a identificação das técnicas utilizadas pelo grupo na elaboração de sua cerâmica. Os procedimentos adotados seguirão os seguintes passos:

- 1 - os fragmentos cerâmicos deverão ser lavados observando-se a existência de indícios que possam mostrar a sua utilização e, numerados segundo as anotações de campo;
- 2 - separaremos os fragmentos cerâmicos em unidades;
- 3 - serão analisados os elementos que compõem cada unidade cerâmica;
- 4 - identificaremos os objetos dentro de cada unidade cerâmica;
- 5 - e, segregaremos as características que irão delinear o perfil técnico cerâmico do sítio

Segregação das Unidades Cerâmicas

Separar os fragmentos constitui o primeiro nível de ordenamento dos fragmentos, para darmos início à análise. Para essa separação, os elementos que servirão de parâmetros serão a presença e os tipos de aditivo, e o tratamento de superfície externa dos fragmentos. Os fragmentos que não apresentarem condições de verificação de um desses dois elementos serão considerados residuais.

A escolha dos elementos acima citados como parâmetros, deve-se a que eles nos oferecem uma distinção perceptiva imediata e também pelo seu menor grau de ambigüidade analítica, ou seja, esses elementos não teriam outras variáveis que influenciariam em sua caracterização.

Elementos de Caracterização das Unidades

- 1 - Identificação dos aditivos

Verificamos, dentro de cada unidade cerâmica, a presença e os tipos de aditivo que, tecnicamente, poderiam servir para melhorar a manipulação da argila, aumentar ou diminuir a sua porosidade e permeabilidade como também de aumentar a resistência dos objetos durante da queima.

Juntamente com a análise do tipo de aditivo, observamos o seu tamanho, sua distribuição na pasta e a formação de bolhas de ar. Esses elementos podem nos indicar um tratamento homogêneo ou não da pasta pelo artesão.

2 - Tratamento de superfície

A etapa de acabamento dos objetos pode se compor de vários procedimentos de uniformização das superfícies. Esses processos podem ter finalidades utilitárias e/ou decorativas. São procedimentos de difícil identificação, a não ser por algumas marcas que, às vezes, podem escapar ao artesão. Consideramos, para efeito de análise, neste trabalho, a última ação humana que determina as superfícies, como sendo o acabamento das superfícies propriamente dito. Portanto, além do alisamento e polimento, as decorações plásticas e pintadas serão consideradas como o tratamento de superfície.

Para a segregação das unidades, utilizaremos apenas a superfície externa dos fragmentos, isto porque, a maior diversidade técnica se apresenta nesta superfície.

Nos fragmentos que apresentam pintura, seria necessária a realização de análises específicas para identificar a origem dos pigmentos que foram utilizados na sua elaboração, de forma que pudéssemos obter outras informações sobre as matérias-primas utilizadas pelos artesões. Indica-se as cores das tintas utilizadas, como também faz-se observações sobre o grau de desprendimento das tintas, quando em contato com a água, o que poderá nos permitir distinguir as etapas da execução da pintura. Nesta etapa, faremos referência aos instrumentos utilizados na

preparação da cerâmica e as suas funções no processo produtivo da peça. A identificação dos instrumentos será feita através dos resultados finais da utilização desses no conjunto de fragmentos da unidade.

No interior de cada unidade cerâmica, analisamos outros parâmetros, tais como:

1- identificação do tipo de tratamento da superfície interna dos fragmentos que compõem as unidades cerâmicas; a partir desta análise, poderemos identificar um ou mais tipos de tratamento de superfície. Os fragmentos que apresentarem o mesmo tipo de tratamento, passarão a constituir um grupo dentro da unidade, e, no interior desse grupo, observamos:

a- quantidade de fragmentos;

b- separação dos fragmentos que fornecem elementos de informação, tanto de ordem técnica quanto de identificação da forma;

c- os fragmentos que nos fornecerem apenas informações referentes ao tipo de aditivo e ao tratamento da superfície, irão constituir a classe de análise diferida.

2- identificado esses elementos, trabalharemos, dentro de cada grupo, com os fragmentos que nos permitam a reconstituição da forma; para isso, iniciaremos a etapa de recomposição dos objetos.

1- Reconstituição das vasilhas:

A reconstituição das vasilhas cerâmicas, a partir dos fragmentos coletados passam por várias etapas:

a - tentativa de encaixe dos fragmentos a serem colados que permitirá a recomposição da peça. Para esta etapa, separam-se as partes correspondentes do objeto por espessura e forma, de modo a facilitar sua recomposição;

b - separação das vasilhas que conseguimos completar, daquelas que obtemos apenas seu contorno.

c - na reconstituição das vasilhas que não apresentam todos os elementos que consideramos essenciais para a recomposição, ou seja, borda, bojo e base, mas que apresentam, no mínimo, 1/4 da borda e do bojo, será feita uma associação entre as bases encontradas na unidade e a tendência da espessura em relação ao bojo e a borda que lhes corresponderia. Neste caso, estas vasilhas serão consideradas de reconstituição hipotética;

d - a reconstituição das vasilhas que apresentam boca não circular, só poderá ser realizada se dispormos, de no mínimo, os dois eixos que estabelecem sua forma geométrica;

e - após a reconstituição das vasilhas, se realiza a representação gráfica de cada uma delas;

f - a próxima etapa será a identificação dos tipos de vasilha. E para esta identificação tomam-se os seguintes critérios:

1 - o tipo de boca;

2 - o contorno das vasilhas;

3 - o tamanho, que se obtém da relação entre o diâmetro da boca e a profundidade da vasilha;

4 - o tipo de borda;

5 - e o tipo de base.

2 - Reconstituição de outros objetos cerâmicos:

a - se procede a junção e colagem das partes componentes desses objetos, a partir de sua forma e espessura;

b - se efetua a recomposição gráfica de cada objeto;

c - se realiza a separação por forma de cada objeto.

3 - Após esses procedimentos de análise das unidades, observa-se os seguintes pontos:

- a - a distribuição da unidade nas áreas identificadas no sítio;
- b - os tipos de objetos identificados na unidade e sua representatividade;
- c - as formas desses objetos e sua representatividades;
- d - a identificação de possíveis sinais de utilização nos objetos.

Inicia-se a seguir o estabelecimento das relações que se obtém dos dados fornecidos pela análise, partindo de dois níveis analíticos: intra-sítio e extra-sítio.

Na análise intra-sítio, deve-se levar em consideração os pontos, diretamente relacionados com os dados obtidos em campo, como o posicionamento dos vestígios arqueológicos, no contexto geral do sítio, seus agrupamentos, tanto no sentido horizontal quanto vertical, as influências no material dos processos pós-deposicionais, etc. Na análise específica dos restos cerâmicos, deveremos ressaltar os aspectos da distribuição dos objetos nos espaços, relacionando-os com os outros elementos arqueológicos de modo a delimitar as áreas de atividades múltiplas, e em cada área identificada tentar caracterizar, técnica e funcionalmente, os objetos cerâmicos encontrados. As características técnicas do material cerâmico também devem ser mapeadas para que se possa traçar o perfil técnico de cada tipo de objeto e, conseqüentemente, do conjunto que formará o perfil técnico do sítio.

No nível da análise extra-sítio poderemos estabelecer relações entre os perfis técnicos de cada sítio de uma área, tentando caracterizar os perfis técnicos cerâmicos dos grupos. Observar quais as formas de interação do homem com o meio

ambiente, através dos materiais que foram utilizados, modificados ou não, para a elaboração dos objetos. Como exemplo dessas relações podemos citar a identificação das fontes de argila, das jazidas de pigmentos e de rochas e minerais utilizadas como aditivos, entre outras.

Muitos procedimentos podem ser acrescentados a estes níveis analíticos, porém, é necessário que todos os passos a serem dados não sejam ambíguos e, principalmente, fique claro o porque de sua utilização.

Esses são os passos iniciais para proceder a classificação da cerâmica arqueológica, tentando torná-la uma unidade de análise que possa ser utilizada plenamente no processo de reconstituição pré-histórica.

✉ Universidade Federal de Pernambuco. Av. Acad. Hélio Ramos S/N-CFCH, 10º Andar- Cidade Universitária Recife - PE - Brasil - CEP 50 670-901FAX/☎(081)271 8292

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Marcos.,1984. Horticultores pré-históricos do Nordeste. **Arquivos do Museu de História Natural**, v. 8-9, 1983-1984. Belo Horizonte, UFMG, p.131-134.

_____.1991. A organização do espaço habitacional em aldeias Tupiguarani no Estado de Pernambuco. **CLIO - Série Arqueológica**, n.4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, (1987, Recife).UFPE, p.119-120.

ALVES, Márcia Angelina.,1991.Culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: Estudo Tecnotipológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Enologia**. São Paulo, 1:71-96.

ALVES, Cláudia; LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. (1990). A cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro. **CLIO - Série Arqueológica**, n.6. Recife, UFPE, p. 103-112.

_____.1991. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. **CLIO - Série Arqueológica**, n.7. Recife, UFPE, 212p.

- BROCHADO, José Proenza.,1980. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **CLIO - Série Arqueológica**, n.3. Recife, p.47-60.
- FORD, James A. (1962). **Método Cuantitativo para Establecer Cronología Culturales**. Manuales Técnicos, III. Union Panamericana, Washington, D.C.
- MIRAMBELL S., Lorena; LORENZO, José Luis.,1983. **La ceramica : um documento arqueológico**. Instituto Nacional de Antropología e História, Mexico, p. 88.
- PEROTA, Celso.,1971. Considerações sobre a tradição Aratu nos Estados da Bahia e Espírito Santo. **Boletim Museu de Arte e História**. Vitória, p.1-12, il.
- PROUS, André.,1992.**Arqueologia brasileira**. Brasília, Editora Universidade de Brasília,605p.
- SANTOS, Claristella Alves dos.,1993. Rotas de migração Tupiguarani - análise das hipóteses. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 8. Recife, UFPE.
- RYE, Owen S., 1981.**Pottery Technology Principles an Reconstruction**. Washington, D.C., Australian Nacional University, Manuals on Archaeology,4.
- SHEPARD, Anna. 1961.**Ceramics for the Archaeologist**. 4ª edição. Washington, D.C., Carnegie Institution of Washington.